

tissem realmente a grandiosidade desta terra, se pulsasse o sangue desses homens e eles sentissem a miséria na própria carne e não apenas vendo-a porque há um provérbio que diz que "aquilo que o homem não vê o coração não sente"; às vezes o coração está anestesiado, anestesiado por que? Porque a burguesia, porque a aristocracia vivem artificialmente e não podem sentir. Mas ah! nobre deputado Pedro Geraldo Costa, se V. Exa. e todos os senadores pudessem sentir o panorama de tristeza desta nação, pudessem verificar que o Nordeste brasileiro dá o maior índice de mortalidade infantil, mais do que a China, mais do que a Índia, mais do que a África nas suas colônias inglesas, então V. Exa. e todos os deputados deste Estado líder da Federação que é São Paulo, de 14 milhões de paulistas e brasileiros, que arrecada 14 bilhões de cruzeiros, V. Exas. enxergariam a miséria, a mortalidade infantil e o abandono total deste interior.

Eu pergunto a V. Exa.: será que os deputados representantes de São Paulo não conhecem o problema? Claro que conhecem. Tão bem o conhecem que na campanha passada vários deputados federais gastaram até 100 milhões de cruzeiros para representar o povo no Congresso Nacional. Lá estão eles defendendo a reforma agrária, os banqueiros de São Paulo defendendo a reforma bancária; lá estão eles, os alfes contribuintes, a defender a reforma tributária. E virão outros também que ajudarão a defender a reforma do Código de Minas e Energia. E assim por diante.

Então, nobre deputado Pedro Geraldo Costa, a interrogação de V. Exa. não tem fundamento, pois o brasileiro tem a obrigação de conhecer as riquezas desta nação. Mas ninguém pode obrigar o deputado a sentir amor por esta terra. Isso é de foro íntimo, cabe a cada um senti-lo. Por esta pátria de belezas fantásticas cada dia me apaixono mais. Cada dia me sinto mais brasileiro, tão brasileiro que não desajo jamais me afastar daqui para visitar qualquer povo, qualquer nação. Aqui está a riqueza do mundo ocidental, aqui será a retaguarda do Ocidente. Cabe pois a esses homens sentir isso para depois o Congresso Nacional aplicar, desde o Presidente da República até o humilde vereador...

O Sr. Pedro Geraldo Costa — Ainda não terminei meu aparte, nobre deputado. É verdade que estou fazendo perguntas curtas e V. Exa. está dando respostas longas. Mas a situação é clara: é que este deputado já se colocou num linguajar humilde, como um simples canarinho numa cerca qualquer, cantando, aguardando de um sabiã maestro das campinas a resposta eloquente, tão eloquente que V. Exa. consegue responder ao que não tem fundamento. Não entendo, V. Exa. já riscou o Presidente da República, já riscou o Senado, e agora, no final da resposta, quando concluiu, já riscava também o Congresso Nacional, a Câmara dos Deputados...

(É dado um aparte anti-regimental).

O Sr. Pedro Geraldo Costa — No entendimento das riquezas desta terra. Os deputados federais ignoram, os senadores também ignoram, não sentem as riquezas do Brasil, não sentem as qualidades desta terra, não amam a nossa gente, não conhecem os nossos problemas. E lá estão mestres de direito, lá estão brasileiros como V. Exa. Esta terra não cresce, nobre deputado, porque nós, homens, temos esta mania barata de destruímos os outros homens. E quando se destrói os outros homens cai o todo e cai a organização. Tenho de encontrar na simplicidade de V. Exa. o mínimo de valor do homem, o mínimo de bondade. Vivo porque V. Exa. consente — este é o mínimo de bondade, bondade de V. Exa. No entanto, nobre deputado, se todos que vierem para cá vierem com o intuito da difamação gratuita, não cairá um deputado, cairá a Casa, cairá a nação.

Nos precisamos nobre deputado, encontrar nos deputados federais uma vontade de acertar, para que eles acertem, porque, se continuarmos nestas orações fantásticas, demagógicas e vadias, não educaremos a Nação, nós não salvaremos o nosso povo. V. Exa. teve respostas longas e eu tive perguntas pequenas, mas precisamos chegar a uma conclusão para V. Exa. levar na bagagem do seu entusiasmo um pouco de raciocínio cristão. O que é necessário e que V. Exa. reflete um pouco o seu entusiasmo, para crer no mínimo dos cristãos, no mais simples dos cristãos. Esta terra está vazia porque estamos queimando o respeito a outros homens. Quando se destrói o respeito a um simples cidadão, estamos queimando uma Nação. Por isso, há filhas que fazem greve porque os pais não lhes podem dar um automóvel. É uma anarquia que está por aí, porque, ao invés de olharmos para o céu, olhamos para o inferno, para baixo e para o ódio. Assim, queimamos um povo, uma Nação. Seja V. Exa. um cruzado do amor, não um soldado da anarquia!

O Sr. JOSÉ LURTZ SABIA — Muito obrigado. Vou convidar V. Exa. para ir comigo a Brasília, com um requerimento, para solicitar dessas figuras que V. Exa. vem defender da tribuna, embora não cite nomes. Veremos se os deputados federais podem aprovar a reforma agrária, a reforma tributária, o Código de Minas e Energia, a reforma bancária, e dar aos brasileiros aquilo de que necessitam, pelo amor que V. Exa. tem aos seus semelhantes, pelo respeito que V. Exa. tem aos seus semelhantes. Quem sabe se V. Exa. irá convencê-los, com a sua expressão cristã, profundamente cristã, pois o cotidiano, o humilde do Sabiã, com a sua pregação de camelot, como diz V. Exa., talvez não tenha argumentos. V. Exa., com a sua pregação cristã, quem sabe, rezando uma Ave-Maria às seis horas da tarde no Congresso Nacional, conseguirá talvez posar os Srs. Senadores, o Sr. Presidente da República e os Srs. deputados Federais entender que acima dos altos e mesquinhos interesses dessas camadas da burguesia, está a aspiração do próprio povo, desejando um pouco de vida cristã e humana, que tanto V. Exa. defende, mas que no Brasil, para a maioria dos brasileiros, não é oferecida. Esse é o aspecto. Não se pode perdoar. Eu não perdoar ninguém quando pratica um crime consciente. Quando se arrepende do seu crime, é admissível o perdão. Mas os que existem nesta República são criminosos conscientes, que conhecem o Brasil, sabem das suas possibilidades, das suas riquezas sabem do sofrimento do povo. No entanto, não repararam o crime que cometem. Então, esses criminosos não merecem nada. Quer dizer que o humilde moço, deputado na Assembleia Legislativa de São Paulo, que não teve a possibilidade de frequentar uma universidade, que não tem diploma, que é simples proletário, não conhece os problemas do Brasil? Não conhece os Srs. deputados federais? Claro que os conhece! Conhece também os índices de mortalidade infantil, superior aos da África. Claro que sabe que no Nordeste criaturas de fome, nas sarjetas do Nordeste, nas épocas da seca. Claro que sabe que se aproveitam as verbas do Governo Federal para abrir estradas de rodagem e não abrem coisa nenhuma.

Claro que sabem e sentem o problema; claro que V. Exa., nobre colega, vê os abastados passearem, às expensas do governo, no exterior, em comissões improdutivas, quando deviam trabalhar e prestar incalçáveis serviços ao País; claro que V. Exa. assiste a tudo isto; claro que há privilégios criados nesta República, que se sustentam nos privilégios. E quem não vê e não assiste a isso? Claro que V. Exa. assistiu a comitês políticos gastarem de dez a trinta milhões de fortunas monstruosas foram gastas em provocação de miséria e ao povo; claro que V. Exa. assistiu a comitês políticos gastarem de dez a trinta milhões de cruzeiros. Claro que os nobres deputados federais e senadores que querem impedir a aspiração do povo sabem de tudo isto. Acontece que são criminosos. E não os perdoo porque não são inconscientes, são conscientes. Tem um aparte o nobre deputado Murillo Souza Reis.

O Sr. Murillo Souza Reis — Para que V. Exa. não pratique uma injustiça vou oferecer o microfone para o aparte em primeiro lugar ao nobre colega Esmeraldo Tarquínio, que o havia solicitado anteriormente.

O Sr. JOSÉ LURTZ SABIA — Pois não. Com muito prazer ouvirei S. Exa.

O Sr. Esmeraldo Tarquínio — V. Exa. não faz boa praça do orgulho que deve ter da sua Nação e da sua gente. O pronunciamento de V. Exa. é marcado — e sei que não é com má intenção — por uma injustiça que não reconheço em V. Exa. V. Exa. não é um homem injusto. V. Exa. é um homem com uma gama entusiasmante da boa intenção de ver esta Nação atingir o ápice das melhores aspirações do seu povo. Mas não pode, nobre colega José Lurtz Sabiã, cometer a injustiça de generalizar em relação...

O Sr. JOSÉ LURTZ SABIA — Na democracia maioria a maioria ou a minoria?

O Sr. Esmeraldo Tarquínio — V. Exa. me ouça... em relação a todos os representantes do povo. Não, Excelência. Aqui neste País o que sucede é um processo de representação do povo que forma a Nação. Porque a Nação começa no primeiro grupo social que é a família, parte para o conjunto de famílias, que é o pequeno grupo social, e parte, depois, para a comuna, e da comuna parte para o Estado, para a província, para o departamento e, depois, então, no seu conjunto...

(O Sr. PRESIDENTE — faz soar a campainha)

O Sr. Esmeraldo Tarquínio — V. Exa. me permite continuar? (Assentimento do orador) ... e no seu conjunto é formada a nação, que é o conjunto de comunas, de grupos de famílias, de grupos sociais, enfim, que é o conjunto, em todo, de tradições religiosas, de tradições filosóficas, de tradições e de costumes. Isto é a nação. E qual é o quadro que se nos oferece, nobre deputado José Lurtz Sabiã, nesta Nação? Ainda recentemente recebemos, neste Casa, neste plenário, a figura do ilustre Senador da República Auro de Moura Andrade, que teve ocasião de fazer um pronunciamento ao qual tive, tenho e farei as minhas respostas respectivas. Entretanto, alguma coisa de sério, como sendo uma auto-crítica, teve o Sr. Exa., o Presidente do Congresso

Nacional, de manifestar. Disse S. Exa., sem bater no velho chavão de que cada povo tem o governo que merece, que o que existe lá é aquilo que o povo mandou. E não me diga V. Exa., que é o poderio econômico somente o responsável por essa avalanche, por essa maioria que sufoca, que impede, que arrolha o andamento das melhores aspirações populares. Não! Não Excelência, porque ele disse uma coisa séria, embora cínica: se há quem venda há também quem compra.

(O Sr. PRESIDENTE FAZ SOAR A CAMPAINHA)

O Sr. Esmeraldo Tarquínio — V. Exa. me permite continuar? (Assentimento do orador) — Para a operação de compra e venda é preciso dois termos humanos: o comprador e o vendedor. Se o voto foi comprado, alguém o vendeu. Certo, Excelência? Mas a afirmação é cínica porque, evidentemente, está em muito melhor posição de obtenção, de aquisição desta "mercadoria" aquele que com seu bolso forrado de abobrinhas, como se diz popularmente, tenta atrair o miserável que, na sua miséria econômica, passa, com muita facilidade, para a miséria moral! Então ele vende até o direito de escolha, que é sagrado, mas que ele não conhece; que é intransferível, mas que ele não conhece; que é imposterável, mas que ele não conhece, porque há um momento na sua vida, na minha e na vida de todos, nobre colega José Lurtz Sabiã, em que o estômago vazio por vários dias, em que as crianças nos cotões, no chão, misturadas entre pares e retalhos imundos, chorando e tomando água, às vezes com açúcar, à falta de leite, impõem que essa consciência eleitoral se conspugue, se prostitua e venda aquele direito que a Constituição dá ao cidadão.

O Sr. JOSÉ LURTZ SABIA — E quem criou esta situação dramática?

O Sr. Esmeraldo Tarquínio — Um momento, Excelência, estou continuando. Eu dizia que a afirmação do nobre e ilustre senador Auro de Moura Andrade era séria mas cínica. E o cínismo reside aí. Não se pode acusar um povo de ter o governo que merece nestes elementos que sufocam, que arrastam, que obstam o andamento das aspirações populares...

(O Sr. PRESIDENTE faz soar a campainha)

O Sr. Esmeraldo Tarquínio — V. Exa. me permite continuar? (Assentimento do orador) — Então, quando este mesmo povo se encontra nesta situação irreversível de ter, inclusive, como se apanhasse a última jóia da família, de vender aquele direito que a Constituição lhe dá, para poder, ainda que por um dia — o que significa uma ilusão — alimentar seus filhos, alimentar sua mulher, alimentar sua mãe, e alimentar suas irmãs. Então, nobre colega José Lurtz Sabiã, há, sim, para quem vende, alguém que compre e para quem compra, alguém que vende. Isto, entretanto, é cínico. Estes homens que atingiram aqueles postos não desconhecem estas coisas. Ao contrário do que V. Exa. afirma não desconhecem. Nós temos, no nosso Congresso — e V. Exa. é testemunha disso, porque teve ocasião de ir lá observar e assistir a diversos debates — verdadeiros luminares de todas as ciências (Muito bem!) gente que conhece desde a ciência da terra até a cibernética que é a mais moderna das ciências; essa gente, que sabe porque passou pelas escolas ou porque não é autodidata e culta, se imiscui em todos os meandros da alta cultura, e conhece sim, o processo sociológico da desagregação de uma nação, como o em que nos encontramos. E o seu pecado é muito maior porque conhece, V. Exa., o primeiro Argemiro Figueiredo, senador da República, "pater patrum", impedir o primeiro projeto da reforma agrária, porque é um dono de terras. Sim, ele é autêntico e V. Exa. não pode furtar-lhe o direito de defender aqueles grupos que para lá e mandaram. Ele tem de defendê-los sob pena de V. Exa., aí sim, ter o direito de cham-lo de mentiroso, de enganador. Com: S. Exa., que representará os grupos latifundiários, vai se esquecer da defesa desses grupos, virando, girando 180 graus para a defesa do povo, ora o povo!

O Sr. PRESIDENTE — Esta Presidência comunica a V. Exa. que o seu tempo está esgotado.

O Sr. MURILLO SOUZA REIS — Sr. Presidente, eu me inscrevo e cedo meu tempo ao nobre deputado José Lurtz Sabiã.

O Sr. PRESIDENTE — V. Exa. pode inscrever-se mas não pode ceder seu tempo.

O Sr. FRANCISCO FRANCO — Sr. Presidente, eu cedo meu tempo ao nobre deputado José Lurtz Sabiã.

O Sr. PRESIDENTE — V. Exa. tem mais 20 minutos para falar, por cessão do nobre deputado Francisco Franco.

O Sr. JOSÉ LURTZ SABIA — Antes de mais nada quero agradecer ao nobre deputado Francisco Franco a cessão do seu tempo para que eu continuasse na tribuna.

O Sr. Murillo Souza Reis — (Com assentimento do orador) — Nobre deputado, eu me encontrava ausente deste plenário quando ouvi V. Exa. fazer uma acusação e eu desejo, ou um reparo a essa acusação, ou a sua confirmação. V. Exa. é um sabiã novo, canta muito e canta sem música, e às vezes, cantando sem música, V. Exa. erra. V. Exa. cometeu um verdadeiro erro. V. Exa. cometeu um verdadeiro erro dessa tribuna fazendo acusações contra firmas que representam realmente um padrão de indiscutível honestidade, firmas que constroem a grandeza deste Estado e deste país e que não merecem uma acusação sem provas. Essas provas foram pedidas várias vezes por senhores deputados e parece que V. Exa. ficou do apresentá-las dentro de 5 dias e não as trouxe à tribuna. Mas V. Exa. há pouco, dessa tribuna, disse que muitos brasileiros vão à Argentina e de lá vêm com cortes de casemira e só quando a entregam ao alfaiate verificam que essa casemira que vem com rótulo do estrangeiro é fabricada pela Aurora. V. Exa. citou uma firma, a "Aurora". Sou químico e milito na profissão há muitos anos e conheço esta e sei que é uma firma que merece o bom conceito de que até hoje goza. E firma que paga os seus impostos, as suas taxas e tem centenas de operários. E firma que sem dúvida alguma tem contribuído para a grandeza deste país e merece o nosso respeito. V. Exa. faz uma acusação e aponta o nome da "Aurora". Gostaria então que V. Exa. confirmasse se de fato V. Exa. citou levemente essa firma ou se essa firma está envolvida na fraude de marcar na orelha "Casemira Argentina" quando na verdade é fabricada pela "Aurora".

O Sr. JOSÉ LURTZ SABIA — Nobre deputado tenho a impressão de que V. Exa. quando solicitou seus apertes ao orador deveria estar inteirado de que se passa, do assunto a que se refere, senão V. Exa. ficaria sempre em má situação. Aqui não houve acusação. Então alguém informou mal a V. Exa. e V. Exa. incorreu em erro e vem repetir aqui, ou melhor dizendo, foi pior a emenda do que o soneto. Ninguém acusou, ao contrário, falava eu desta tribuna que a nossa manufatura, os produtos manufaturados no Brasil têm perfeição extraordinária, e tecia elogios à casemira e citei, por acaso, uma firma, a "Aurora", cuja casemira era vendida como inglesa e não era, era brasileira nacional. Quer dizer, fiz um elogio e V. Exa., mal informado, ou pouco atento...

O Sr. Murillo Souza Reis — Então a fraude não é nossa.

O Sr. JOSÉ LURTZ SABIA — ... ou, como dizia, V. Exa. não está atento ao problema e cai em contradição.

Outra coisa, nobre deputado: V. Exa. disse que eu havia feito acusações e não havia provado. Eu não acusei ninguém. Outro dia eu disse desta tribuna: quando eu fizer uma acusação, eu a farei trazendo provas.

De maneira que não acusei ninguém. Aliás, citei duas firmas, que constavam do discurso que o Presidente da República pronunciou no dia de sua posse: a Anderson Clayton e a SANBRA, que haviam recebido, no ano de 1960, financiamentos correspondentes a 20% do Ministério da Agricultura, na Carteira Agrícola do Banco do Brasil. Ao invés de emprestimos terem sido feitos a pequenos agricultores, foram-no a essas duas firmas.

O Sr. Murillo Souza Reis — V. Exa. permite um novo aparte?

O Sr. JOSÉ LURTZ SABIA — O nobre deputado, naturalmente, não acompanhou o desenrolar dos debates. Aliás, diga-se de passagem, os tecidos fabricados no Brasil, inevitavelmente, competem com os melhores estrangeiros.

— (dado um aparte sem solicitação)

O Sr. JOSÉ LURTZ SABIA — Desejo até contar um fato curioso: um sacerdote francês encontrou um comerciante que vendia tecidos brasileiros em Jerusalém, cuja aceitação era assustadora. Esse é o aspecto, nobre deputado.

O Sr. Murillo Souza Reis — V. Exa. mais uma vez confirma que há fraude. Mas parece-me que V. Exa. diz que ela ocorreu na Argentina.

O Sr. JOSÉ LURTZ SABIA — Não sei, porque não fui a Argentina.

O Sr. Murillo Souza Reis — Era esse o esclarecimento que queria de V. Exa., mesmo porque não sou advogado da firma: não estou aqui para defendê-la, apenas para ressaltar sua responsabilidade no tocante a acusações que pudessem porventura atingi-la. V. Exa., então, transfere a fraude para a Argentina.

O Sr. Esmeraldo Tarquínio — V. Exa. permite um aparte?

O Sr. JOSÉ LURTZ SABIA — Não falei em fraude; pelo contrário, elogiei os produtos brasileiros, porque gosto desta imensa pátria.

Discuti aqui o projeto de criação de escola de iniciação agrícola na cidade de Eldorado Paulista, dizendo que, realmente, a instalação desse estabelecimento viria ajudar o desenvolvimento deste Estado, desta Nação, porque este país é fantástico.

— (É dado um aparte sem solicitação)

O Sr. JOSÉ LURTZ SABIA — Quisera eu poder encontrar-se ao mesmo tempo em cada Estado desta Nação, em cada cidade destes Estados, para sentir a sua pulsação em conjunto. Que ceppo fantástico nas suas movimentações!

O Sr. Esmeraldo Tarquínio — V. Exa. permite um aparte?